

Seculo - 17 Fevereiro 1915

NOTAS DE UM EXPEDICIONARIO NO SUL DE ANGOLA

No combate de Naulila as nossas forças sofreram cento e duas baixas, entre mortos e feridos—Uma nota patriótica dirigida ás forças aquarteladas em Mossamedes

MOSSAMEDES, 18 de Janeiro

Difícil, se não materialmente impossível, seria, n'um país como este, falho de meios de comunicação e de os poderes oficiais, mal informados também e quasi sempre avessos das poucas informações que possuem, colher noticias suficientes e completas sobre determinado acontecimento. A discreção oficial, que, de ordinario, costuma vigorar na metrópole, aqui não se apresenta se mostra ainda, porventura devido aquelle exagero com que um delegado costuma emitir as determinações de quem o delegou.

Destá fórma, facilmente se comprehende qua os informes sobre o combate de Naulila—em este momento o unico acontecimento que prende a imaginação das gerações—se vão completando dia a dia.

Sabia-se até as nossas baixas regulavam por cerca de cem, entre mortos e feridos, mas desconfiava-se o numero de baixas pertencentes a cada unidade, bem como se ignorava quantos officaes haviam desarmado. Hoje, porém, devido a uma nota official, enviada por todas as tropas de Mossamedes, essas particularidades são ja do dominio publico. Identica communicação foi tambem feita ás forças aquarteladas n'esta cidade, em ordem do dia regimental, de 16 de Janeiro.

Trouxe-se de um documento patriótico e interessante, que n'esta logaria me se procura levantar o espirito das nossas tropas, as quaes—de passagem devo dizer—manifestam o mais vivo desejo de combater e esmagar a quadrilha que invade o nosso territorio.

Esse documento é o seguinte:

— Sua. ex.ª o governador geral, como commandante militar da guarnição, determina a banda publica:

Ficou conhecido que alguns individuos, mal intencionados e sem a menor noção de patriotismo, se comprazem em espalhar boatos e falsidades sobre o combate de Naulila, deturpando sua ex.ª o governador geral que se dá conhecimento ás unidades militares mencionadas n'esta cidade do seguinte:

O combate de Naulila não se pode considerar uma derrota para as nossas forças, visto que ellas resistiram em boa ordem, após 1 hora de fogo contra um inimigo muito superior, tendo apenas assegurado as baixas, que são insignificantes, em vista dos outros troques das forças da chi que rades no sul de Naulila: 1 officel morto e 7 desarmados; 1 prisioneiro e 3 feridos ligeiramente; 63 peças mortas e 20 peças feridas sem gravidade.

Nesse combate houve verdadeiros atos de heroidade em todas as unidades, entre os officaes e entre as peças, sobressaindo, entre todas as unidades, o primeiro esquadrão de dragões, e o grande coraçaõ dos seus officaes, que, pela grande concórdia para que se retiraram se fizeram no melhor ordem.

O exemplo que doam esses homens, sencillos e mimados de febre, pelo fatigante trabalho que tinham lido no serviço de campanha, e por muitos anos de permanencia em Africa, serviu por certo, segundo pelas unidades que em breves dias terão de descompartar a missão de saquear para fora do nosso territorio a quadrilha de bandoleiros que, contra todas as leis da guerra, o invadiram.

segundo informações que se devam considerar seguras, o numero de mortos e feridos do inimigo foi muito superior ao nosso, devendo attribuir-se essas baixas á boa quantidade das nossas espingardas e metralhadoras, ás boas e seguras pontarias das peças de infantaria e das baterias de metralhadoras e artilharia e á heroidade do primeiro esquadrão de dragões.

O inimigo, depois do combate de Naulila, ficou immobilizado, não se atrevendo a passar o Cume e limitando-se a sua acção a tomar um forte que tinha sido conquistado pela guerra de pretes.

Em esta a verdade dos factos e tudo o que se disse ao contrario d'isto deve considerarse como boatos infundados, circumstancia nos quaes commandantes das unidades puris equivocados, nos termos do regulamento disciplinar, as peças que se prepararam.

Se logo do primeiro recorte não pudemos sair completamente victoriosos, e algumas das nossas tentativas de sofrer o inimigo dentro do nosso territorio, não querisso dizer que as nossas forças não continuem quasi intactas e animadas da maior decisão e coragem para, sob o commando do seu heróico e illustre commandante, cumprirem gloriosamente a missão que lhes é assignada e satisfazerem a justa e legítima expectativa d'ellas.

Esta nota foi elaborada depois da visita que o sr. Norton de Matos fez ao quartel geral das nossas forças que tomaram parte no combate. As impressões collidas pelo sr. governador geral parece terem sido as mais animadoras, como, aliás, se depreende da nota transcrita.

Respectivamente a fórma, como se iniciou o decorrer o combate, sobressai tambem que o cruento e traiçoeiro ataque armado se manifestou pela madrugada do dia 18, quando as nossas forças, tranquilas e despreocupadamente, forçavam para tomar o café. Tinham ainda as tendas levantadas e encontravam-se desarmadas e desequipadas, occupando as nossas tropas uma posição quasi em angulo recto e sendo o vertice do angulo defendido pela artilharia.

O inimigo atacou de fianco, com violencia e crueldade, respondendo-lhe a artilharia, metralhadoras e uma companhia de infantaria, que abriu fogo por secções. Por bastante tempo o inimigo não se foi mantido em respeito, como, por vezes, se viu obrigado a recuar, succedendo-se por fim os acontecimentos como já são conhecidos.

Entre os muitos atos de bravura dos nossos conta-se o seguinte facto, que marca bem o poder de sangue frio e da tranquillidade do portuguez perante o perigo.

Entre as peças de artilharia alemã que estavam na acção houve uma que durante quasi uma hora, esteve impossibilitada de fazer-se ouvir.

Um sargento e um soldado, que se mantinham abrigados por uma arvore, visando permanentemente a peça, a boca de fogo, com pentilhas abertas, abatiam todos os artilheiros e serventes que avancavam a carregal a peça. Por fim, e depois de luta desigual e exaustiva, tiveram de retirar juntamente com as restantes forças.

Do valeroso commandante, tenente coronel sr. Rodas, conta-se igualmente muitos atos de bravura, que nada devem surprender, conhecidas como é já a sua destemida coragem e heroismo incontestavel.

Diário de Notícias

19. Fevereiro. 1915

Angola

Antes e depois do combate de Namibia — A situação no Humbe e no Cuamato — Interessantes informações colhidas em cartas recém-chegadas

São de duas cartas chegadas a Lisboa a última, há as informações que se seguem e que fornecem, como os leitores verão, interessantes e lucidos conhecimentos dos tristes acontecimentos sobre os quais há várias narrações tem sido publicadas:

Humbe, 17 de dezembro.
Em 11 ou 12 do corrente, houve um encontro da nossa patrulha de cavalaria com a patrulha alemã, também de cavalaria. A nossa patrulha era comandada pelo tenente da mesma arma, Araújo.

Houve fogo de parte a parte, tendo o inimigo onze baixas, entre feridos e mortos, e nós dois soldados e dois cabos feridos. No dia imediato houve mais reconhecimentos, sendo mortos alguns alemães, um prisioneiro alemão, com a montada.

Agora é que parece «que são elas»: Os alemães estão concentrando forças pelas zonas da Gungula, pois que os Cuambas não deixam passar, e andam em conferências com os Cuambas e Ombes para se unirem a eles, mas não querem. O soldado dos Cuambas está agora em boas relações com os alemães, ou, por outras palavras, com o pai de dois bicos, como é costume.

Os alemães querem atacar pelos lados de Namibia, Inga e Danguena e dizem que estão fazendo na Gungula um hospital de saúde.

Tem suma: Deve reabrir por estes dias a coisa grossa e está os Cuambas e Cuambas nos continuam enviando, como costumam, informações sobre os movimentos do inimigo.

Antes de se dizerem de novo conhecido, os Cuambas não deixam contado, de nos roubar quanto podem! E uma pouca vergonha! Em pleno dia, no Molondo, roubaram muito gado e mataram muita gente, e andam em rastos por Quiluba, Camba, Pooio, Caba e ali aqui perto de Humbe, a ponto das pastores não podem ir com os gados para a margem do Gungula, pois eles, escondidos do lado ocidental das matas e campos, amancham todo o gado, até mesmo o dos huancos.

De resto, a situação da região é desoladora. Não tem chovido, os campos estão secos e queimados, não há água e o gado morre de fome e sede, não tendo as vacas leite sequer para as crianças.

Ingirir-se, pois, as dificuldades dos transportes em carros, para abastecimento das nossas forças, que estão concentradas nas fronteiras e não tem o preço para sua alimentação! Até é preciso mandar carros com água para o posto do Cuamato!

Oxalá os alemães não consigam voltar o genito contra nós, porque então seria ainda maior a calamidade.

— só pelo genito se consegue saber alguma coisa.

Lubango, 18 de janeiro.
O que tinha alguma coisa no Humbe, depois de a mudar para Jugar seguro, logo após as primeiras derrotas, com os alemães, e foi o que veio, pois, do contrário ficaria sem nada.

Sobre o que se tem passado vejo que na imprensa e ali não aparecem as verdadeiras coisas, por exemplo, na questão do Cuamato, onde não houve combates, tendo a patrulha do nosso lado surpreendida pelos alemães por detrás e deiteo do governador Figueira, que, segundo dizem, não preveniu os postos do que se passava em Namibia, isto apesar de haver telegrapha até ao posto A. Assom, os alemães tiveram tempo de se estabelecer no Cuamato de que lhes sucedera em Namibia e não houve tempo para as autoridades prevenirem aquela pobre gente o avizaram o massacre!

Houve nos diferentes vezes reconhecimentos e fogo de parte a parte, portando-se a nossa cavalaria magnificamente e fazendo alguns prisioneiros que são inúteis, os quais vieram para o Lubango e escreveram para Loanda.

No resguardo, o comandante pelo tenente Araújo, vários oficiais que, se caso ele fossem todos, não teríamos sofrido o desgosto que sofremos!

Na noite de 15 Namibia estava parte das tropas de 15. a companhia de Landins a bateria Eshvaret e três metralhadoras, com o comandante Rocadas e o chefe do estado maior.

No resguardo, em 17, chegou a coluna alemã, comandada pelo major Frank, na força de dois mil e quinhentos a três mil homens, sendo avisado dos mortos pela parte do major Salgado, que assim, a leve sob a ordem das suas ordens. Não é, pois, explicável como dessa magnífica posição se não fez fogo sobre o inimigo, mas desencaminhamento, até foi dar de beber aos cavalos no rio!

Dizes que o capitão comandante da bateria pediu licença ao major Salgado para fazer fogo sobre os alemães, que se foram a fazer pouco de nós; mas tal licença não foi concedida. Porquê? Não sei! Não se sabe, ou, por outra, eles já sabem!

Na noite de 17, as forças alemãs avançaram junto de Namibia, e abasteceram os mortos onde se esperava o ataque, mandando toda a noite e aparecendo disposições em linha de atracadores, com 8 ou 7 peças e 12 ou 14 metralhadoras em ordem de combate, além de receitas e mais 5 bocas de fogo, isto sem que as nossas forças pudessem impedir a sua disposição, que, segundo dizem, chegou a afrontar-nos a uns 500 metros de distância! Onde estavam as nossas metralhadoras? Não sei! Eles é que sabem!

Finalmente, às 5 horas da manhã de 18 começou o fogo, por parte dos alemães, e acabou como?

Pouco antes, uma das nossas vedetas disse a um oficial:

— Faltam-me que andam por aí os alemães! Estou aqui onde nunca no mundo!

— Estas a sonhar! — foi a resposta que teve.

Mas não tardou que uma outra vedeta, indicando desde um tiro, sinal de alarme, o auto Canhão, rompia contra nós o fogo alçado travando-se rápido como o vento, que se prolongou até às 8 horas da manhã, com vantagem dos nossos 700 ou 800 homens sobre o inimigo, que por duas vezes recuou uns 500 metros.

Nessa altura, porém, as nossas forças trouxeram e as de infantaria já fugiram, não sabendo-se que os huancos atravavam a rede.

Em todo o caso, as nossas baixas não devem ter chegado a 100 homens no passo que os alemães foram superiores a nós, segundo afirmam os genitos, além de muitos cavalos e se sabe ser verdade.

Chegamos mesmo quase a tomar duas peças, mas nesse avanço fomos colhidos pelo fogo das metralhadoras alemãs, que nos derrotou.

Na ainda a notar que duas granadas incendiárias, lançadas pelos alemães, ficaram a cair nos ares e no solo, que estava coberto de capim e feno, por fim que cair sobre a Danguena e o Humbe, sem se perceber porque, estando nos metros as forças do major Salgado, e ouvindo-se ali perfeitamente que estavam sendo atacados na Namibia, essas forças não mederam para nos auxiliar e esquecer os alemães!

Ficou, abandonada, no campo, uma metralhadora que se perdeu, e com a mesma, a refilada iniciou-se, sob as ordens do comandante Rocadas, que mais uma vez mostrou ser valente, bem como o chefe do estado maior, pois ambos se conservaram sob o fogo inimigo, a cargo e indistinctas as baixas, sendo, porém, inteiros com a gente que trouxeram.

Restou ainda Rocada em contra-ataque, para o que conseguiu reunir umas 200 granadas, mas viu que o inimigo tinha 5 peças assediadas e julgou inútil sacrificar mais gente, começando em 23 a chegar ao Humbe os restos da coluna, tudo desorganizado e a fome, pelas 11 horas.

Dois horas depois, chegaram o comandante o chefe do estado maior e o quartel general, reunindo em conselho os oficiais e resolvendo-se, por constar que os alemães vinham sobre o Humbe, que as forças do Cuamato fizessem também, abandonando tudo.

Mandou também o comandante Rocadas destruir os palcos e, às 15 horas, foi pelos ares o forte que tinha o seu nome.

O estouro das explosões estabeleceu o pânico no Humbe. Ninguém sabia do que se tratava, e, assim, todos fugiram, que os alemães estavam atacando o forte, que estava corada a retirada as forças do Cuamato e que o Humbe ia também ser atacado.

Por isso quase toda a gente fugiu: o genito do Cuamato e o do Danguena revoltou-se contra nós: os huancos, que estavam com armas do governo, atacaram as nossas tropas, e estas saíram-se como puderam, até que chegaram ao Humbe, que encontraram quase deserto, pois as forças do major Salgado tinham ficado para trás e só chegaram a noite.

Ficou no Humbe o comandante Rocadas com o chefe do estado maior e o quartel general, mas também retirou com algumas forças, sobre a Coluna, e depois sobre os familiares, ao passo que o Humbe, a Danguena e o Cuamato ficaram abandonados, e as tropas do Cuamato e Danguena seguiram sobre Gungula, sob o fogo dos Cuambas e de todos os outros baixas. Sobre Quiluba retiraram as forças de Caba, Quiluba e Molondo.

Não admira, pois, que o genito assalasse no Humbe as casas comerciais, roubando tudo, mercadorias, valores e mantimentos, apalhando os cuambos muitas armas e munições que ficaram nos postos.

Esta desorganizada situação produziu consequências do pânico produzido pela explosão do forte. Se os comerciantes do Humbe e a guarnição, depois, tivessem recebido a prevenção de que se tratava apenas de uma medida de precaução, nada disso teria sucedido. Assim, tudo fugiu, desordenadamente, julgando que os alemães já tinham por aí, a ferro e a fogo!

Mais tarde, e para ver se se conseguia salvar ainda alguma parte dos pobres huancos, dos que tinham fugido, voltou ao Humbe uma força de 500 homens do quartel, que foi atacado pelo genito, o qual lhe matou 15 soldados e o 1.º sargento Rodrigues, salvando-se os restantes porque fugiram.

No Cuamato ficaram também muitos carros bores e muito gado, do qual nos perosas cabeças apropriadas em serviço do governo, o pior de tudo é que, além dos huancos de cada um, se perdeu o prestigio entre o genito.

Na ainda forças da Coluna e o resto de tudo nos Gumbos, com o comandante Rocadas, que mostrou até que ficou artilhado no Humbe, fazendo indistinctas com os gados dos Cuambas, a quem vai dar um correctivo, e mandou formar um conselho de guerra, presidido pelo medico naval dr. Vasconcellos e Sá, a fim de pôr as responsabilidades da transformação em derrota do que chegou a ser uma bela victoria.

Dito ainda, como tratado no momento do heroico esquadrão do heróico tenente Araújo apenas escaparam aos 15 huancos, após ter sido por ele roto duas vezes a linha de fogo dos alemães!

"Seculo" de 16 de Fevereiro de 1915

NOTAS DE UM EXPEDICIONARIO

AINDA O COMBATE DE NAULILA

Mais noticias e pormenores

O serviço de aprovisionamento das forças vaee sendo regulado e melhorado



O tenente Francisco Xavier C. Aragão, no momento do esquadro de artilharia de Mossamedes, 26 de Janeiro

No meio da diversidade e dispersão de noticias a pararmos que são apontadas, relativas ao combate de Naulila, difficil se torna formar um juizo seguro e bem fundamentado quanto a realidade dos factos, bem como a narrativa da guerra. A narrativa, na verdade, sempre fluctuaivel na essencia, modifica-se, porém, frequentemente, quanto a pequenos detalhes. Isso seria muito fastidioso para nós, leitores, se não fôr aliada a necessidade de guardar o respeito devido ao sentimento patriótico, ao convênio das milicias e a discreção dos leis de guerra. Assim se comprime que pouco a pouco se vá formando um conhecimento mais e mais exacto, quanto ao que realmente se passou no combate de Naulila. Lendo, porém, os trabalhos de expedientes, como soldados que me honro de ser e impossibilitado, portanto, de escrever sobre o combate de Naulila, deixo-me de alguns que me pareceram interessantes, e de outros que me pareceram irrelevantes, e de outros que me pareceram irrelevantes, e de outros que me pareceram irrelevantes.

A Bateria não era, felizmente, difficil visto que a bateria, localizada numa pequena ilha ligada pelos lavos do campo, pois que de um lado se tratava de um muro e do outro de um muro, e de um lado de um muro e do outro de um muro. O tenente Aragão, que commanda a bateria, e a de seu lado, e a de seu lado, e a de seu lado. Ponto de partida tudo quanto ainda pudesse acontecer acerca do combate, dou lugar a referida carta, a qual, apesar de ser de natureza de informes, contém preciosos pormenores sobre os acontecimentos do combate de Naulila. Veni descrever a integra, deixando-lhe todo o seu sabor familiar, e um tipo de pormenores e particularidades, que bem mal obtidos, não se acham noutros trabalhos de expedientes. E' mais um testemunho dos factos, colhidos em boa fonte de origem. Eis a carta.

Como as forças de que o tenente Aragão era chefe, e se visava a necessidade de fazer um plano de aproximação ao combate de Naulila, de as forças de que o tenente Aragão era chefe, e se visava a necessidade de fazer um plano de aproximação ao combate de Naulila, de as forças de que o tenente Aragão era chefe, e se visava a necessidade de fazer um plano de aproximação ao combate de Naulila...

Em 15 de Janeiro, a 11 horas da manhã, fui chamado para ir ao combate de Naulila, e fui chamado para ir ao combate de Naulila, e fui chamado para ir ao combate de Naulila, e fui chamado para ir ao combate de Naulila...

Nenhuma nação pode dizer que em suas fileiras tenha soldados mais valentes do que os do nosso esquadro de artilharia, e os officiaes mais desachados pela vida do combate, e os officiaes mais desachados pela vida do combate, e os officiaes mais desachados pela vida do combate...

trabalho vivíssima, avançaram para a anti-
lândia e tombaram, certamente, so a re-
zação não os esmagaria quasi a primeira
carga. Foi esse momento que o esqui-
drão teve o maior numero de baixas: foi
ali que ficaram feridos o capitão Araújo e
os desenhados Andrade e Alves.

Os nossos soldados ainda fizeram algumas
provações, as quais encontraram habes
des-olhos e sabres entredados a machada de
seguro. E são estes entredados que, em
certa direção, depois da queda do Recodas,
pediram tréguas, amargam com fructu-
cimento a todo o que for apodado com be-
las duvidas, e com o conhecimento a
todo o preto que for apodado com armas
na mão!

É claro que o Recodas não respondeu.
E' fora de dúvida que os nossos, na re-
neutralidade, se pararam bem durante a
ação e mesmo na retirada até ao Humbe.
Aqui, porém, é que houve panico e talvez
um pouco de falta de retardo. As tropas
foram chegando ao Humbe na madrugada
e durante a dia 19 não havia já a dispo-
nível nenhuma de oficiais mais velhos vi-
viam na retaguarda, de modo que ficou
sem perca de 1000 soldados sem coman-
do superior. Da-se a exatidão do forte Ro-
codas, que fica a 8 ou 9 kilometros do
Humbe e os soldados, julgando que eram
as manhas que vinham sobre eles, largam
em fuga desordenada, seguindo de Cabana,
e, quando o Recodas, que vinha na re-
tarda, chegou ao Humbe, encontrou-se
sem tropas, vendos, por isso, obrigado
a retirar tambem para Cabana. O resulta-
do disto foi resultar-se o genito do Hum-
be e massacrar depois os soldados que se
aventuraram a ir ali lá.

O genito está quasi todo revoltado de-
de a Cabana por dentro, com se con-
tinuando, isto, que torna obrigados a uma
retirada, que se pode dizer boa até ao
Humbe, mas que tambem se pode dizer
vencidosa do Humbe para a Cabana.

A quem pertence a responsabilidade d'esta
colaboração? A todos os que estavam no
Humbe quando se deu a exatidão do for-
te Recodas e a retirada; a todos, porque
todos fugiram, e nenhum, porque ne-
nhum tomou a iniciativa da fuga. Estão
certo de que se descom explica nos solda-
dos e que eram estas exatidões, ou alguem
se furtava de os salvar, nenhuma fugira.
Contra, todos já reconheceram e carregam
nesta mesma altura momento de panico e estão
desesperos de se defender do novo con-
tra o inimigo. O des-olho das Neves, em com-
panhia do general de ferrol, diz que encon-
trou todos officiaes e soldados, abandonados
de um lado, de outro se bateram com
os alemães, e em outro, porque todos são
portuguezes, e portanto não sentiam nes-
sarcasmas, escarmentas o valor de que é
ditado, mas, depois de os seus nervos
se esgotarem ao tocar da artilharia e a
indignidade do esmagado, recuaram todo e
sangue-frio e o calor de grandes berros
dos e dos machos sacrificios.

O governador geral, como saber, está
bem e deturba-se por cá ainda alguns me-
ses. Tomou sobre si o encargo do abas-
tecimento da colónia, e é bom que assim
seja, porque estava um genero muito mal
organizado. Havia soldados a mandar, mas
nenhum mandava bem, viviam, não, davam
uma ordem logo e não a obedeciam ou
era um contrario, etc. Os officiaes de tropa
nem um só tinham coragem por in-

de juntas de bois. Como vê, não podem
deixar de ser mericos, e são poucos os
que lá para o serviço da colónia parece.
portanto, que deviam ter o cuidado de
que eles andassem sempre em serviço;
pois não tinham horas que estiveram 2 ou
3 dias carregados, esperando que os ali-
ciassem a carga. A culpa? É que o ofi-
cial incumbido de receber a carga não
estava, e como não estava, nenhum outro
dos officiaes administrativos a recebia. O
resultado em consequencia para os poucos dias
e dias sem fazer serviço e a ganhar uma
libra clara!

Regta, pois, que é bom que o governa-
dor tome sobre si esse encargo, porque ha-
so um a mandar. Imagina que lá pela
Naulha houve pelotas que passaram e
das com a falta de artilharia para cada
soldado.

É isto o que por cá corre. Como vê, o
incidente de Naulha poderia ser por-
tanto que não nos fosse bom.

Almido duas fotografias, uma do Acario,
desaparecido na invasão da peoa inimiga
entre do Matias Reis, foi tirada quan-
do ele, ao chegar da Naulha, lá uma
carta de sua esposa.

O numero das nossas baixas é calculado
de em 150 o maximo, entre mortos, feridos
e desaparecidos, e calcula-se que o
dos inimigos seja maior, já porque batiam
sem a descoberto, já porque muitos tiros
da nossa artilharia foram abarbitos.

O comandante da artilharia, capitão
Estevão, foi duma serenidade inespere-
vel; parecia que estava com as suas tropas
em exercicio de tiro no alvo, todos o
louavam.

Juzgo que com estas dados poder fazer
alguma coisa que dá aos leitores do Se-
culo uma ideia de que se passou na Naulha.
Adm. Estimo que tenha estado. Os
soldados do exercito resolveram não re-
clar hoje a nada para Moçambique, de-
modo que só no dia 14 é que esta d'agui-
sante - Termino - Alberto.

Ve-se, pois, mais uma vez, por esta
carta, que os processos de guerra ado-



de guerra entre as tropas, além de coman-
te do exercito da dragões de Moçambique
padas pelo alentejo, são os mesmos
em toda a parte. As tropas selvagens
que, em critéria desordenado de ser-
vidades, destroem monumentos artis-
ticos que tinham feito a admiração
de gerações successivas e constituam
o orgulho de povos; incendiam edifi-
cios, matam e saqueiam os templos e escolas;
fazem fogo sobre hospitais e escolas;
matam milhares de famílias velhas e
crianças, são os mesmos que, em at-
tenuação de sentimentos e investida de
assassinos, entram em nosso territó-
rio, matam a população, e por fim
caem de emboscadas sobre tropas mu-
to meliores e que, desprovidamente,
cuidavam de tomar a alimentação
matinal. Os processos são os mes-
mos e as armas são idênticas.

No Humbe começaram a bater d'um
d'um, com a canhão, como costumava
e escusadamente cruel, em todas as
convenções internacionais. Na Afri-
ca, a mesma canhão é o projecto que vo-
luntam sobre fileiras de humanos!

No Europa, as baionetas dentadas
tem provocado os processos de todos
os povos civilizados. Na Africa, a igual
baioneta é usada, com verdadeira sa-
nha de tigres!

E' tal raza de bestas-féras que pre-
tende dominar a Europa e delirante-
mente sonha em dirigir a Humanida-
de, impondo, pela força bruta, para
dels unica fonte legitima de direito,
a civilização germanica a todos os
povos!

Os barbaros do seculo XX, os hu-
mos da idade presente, pretendendo
apresentar-se como raza predestina-
da e escolhida pelo Destino, para o
desempenho de missão super-humana!

E', portanto, com homens atavica-
mente predispostos para a destruição,
para o roubo e para o assassinio
que as nossas tropas se vão deiron-
tar.

Motivo para reatões? Não. Antes de-
seio vemente de medir forças e ex-
perimentar energias. A guerra é le-
nivell, mas o bom caçador abate a
sem que nas suas veias o sangue pal-
pita mais apressado.

As matas do Ugre serão d'cepadas;
os dentes ferinos destruidos, e, por
fim, o corpo da besta, empalhado, será
exposto ao sol, depois de cortos e lo-
bes lhe houverem devorado as carnes
apodrecidas entre os matulhões firs-
tos dos santos africanos.

A agria germanica, hoje convertida
em milhaire vesgo e mutilado, aban-
donará os desertos de Africa mais al-
tunas das suas penas já ensanguen-
tadas.

Chegou o momento de o povo portu-
guez, pobre e pequeno, degenerado e
decrepito, como toda a raza latina
—segundo eles proclamam— jogar ao
bonco agastado e brutal do germa-
nico algumas fôrças a mais tremenda il-
usão que povo algum tem recebido.

Os bandoleiros, por entre amargas
e brutalidades, pediam tréguas. Tel-
as-hão, certamente, quando de ai-
mões, em territorio do Anzola, uma
recordação ligeira e longinqua restie
apenas.

Lapas de Guemão